

Salto tecnológico

Rede promete modernizar a economia e acelerar ganhos de produtividade

Por Ediane Tiago — Para o Valor, de São Paulo
30/09/2021 05h02 Atualizado há 6 horas



A implementação das redes de comunicação de quinta geração (5G) transportará o Brasil, de fato, à era da economia digital. A melhora significativa na conectividade - resultado esperado do leilão das faixas de frequência previsto para o dia 4 de novembro - habilitará o país a explorar serviços, modernizar e integrar as cadeias produtivas, disseminar conhecimento e promover amplo acesso a serviços públicos como os de saúde e educação. “O acesso à internet de qualidade é uma questão de cidadania. Há um abismo digital no país, com impactos sociais e econômicos perversos”, avalia Leonardo Capdeville, CTIO da TIM.

Ainda há muito trabalho a ser feito. Além de instalar infraestrutura, será preciso definir estratégias corporativas, ações de engajamento setorial e políticas públicas capazes de capturar os benefícios de uma rede rápida, confiável e robusta. O Ministério da Economia, lembra Capdeville, projeta acréscimo de 4,6% no Produto Interno Bruto (PIB) até 2035, só com a instalação da 5G. Análises globais também sugerem ao Brasil aproveitar o salto tecnológico para impulsionar a economia. Estudo realizado pela consultoria Omdia, a pedido da Nokia, estima, nos próximos 15 anos, adição de US\$ 1,2 trilhão ao PIB.

De acordo com o levantamento, a tecnologia pode render ganhos ainda maiores - calculados em mais de US\$ 3 trilhões no mesmo período - se o país for capaz de impulsionar a produtividade com os recursos da nova rede. Entre os setores com potencial de tração estão o de tecnologia da informação e comunicação (TIC), governo, manufatura, serviços, varejo, agricultura e mineração. “Em setores competitivos, como agronegócio, a chegada da 5G transforma o cenário”, diz.

José Formoso, CEO da Embratel, detalha o papel da 5G na digitalização do país. “A tecnologia promove uma reação em cadeia, estimulando a inovação”, diz. Esse efeito, explica o executivo, será fruto da alta capacidade das redes 5G para conectar bilhões de dispositivos, permitindo a integração entre os dados obtidos pelas pessoas e “coisas”. A captura e análise de um grande conjunto de informações traduz, instantaneamente, o mundo físico para o digital, abrindo espaço à aplicação em massa de recursos de inteligência artificial, internet das coisas e computação em nuvem - tecnologias que estão na base da quarta revolução industrial.

“Os chamados sistemas físico-cibernéticos prometem mudar a forma como as empresas operam e estimular a criação de modelos de negócios, trazendo maior eficiência”, comenta Formoso. O uso de robôs - em colaboração com humanos - vai ampliar a produtividade, impulsionando a economia. “Todo o potencial da quarta revolução industrial será plenamente realizado por meio da implantação em larga escala das redes de comunicação 5G”, reforça o executivo, parafraseando relatório publicado pelo Fórum Econômico Mundial.

“A tecnologia 5G é uma ferramenta para reduzir o custo Brasil”, destacou Christian Gebara, presidente da Vivo, durante sessão do Painel Telebrasil 2021. Para ele, a nova geração de redes móveis é um dos componentes capazes de alavancar a digitalização, ampliando a produtividade e a eficiência das cadeias produtivas e dos governos. “O custo vai diminuir na medida em que digitalizamos a economia”. Outro fator está na capacidade - trazida pela tecnologia - de enfrentar desafios como o acesso a serviços financeiros, à saúde e à educação. “Sou otimista. Acredito que a evolução das redes móveis dará ao país a oportunidade de combater problemas sociais e econômicos.”

Todas as transformações decorrentes da entrada da 5G acontecerão de forma rápida, exigindo a formação de um ecossistema capaz de oferecer soluções para aproveitar o potencial da nova rede. Rodrigo Abreu, presidente da Oi, explica que a nova geração de telefonia móvel consolida a expansão da banda larga, unindo o poder da rede de fibra óptica a uma conexão veloz e confiável na mão do usuário. Já a internet das coisas ganha musculatura, dando vazão a sistemas inteligentes e de análise complexa de dados. “A adoção vai ser rápida simplesmente porque há um conjunto de aplicações que esperam pela 5G”.

Entre as demandas ele cita exames e cirurgias remotos (saúde), carros autônomos (logística e transporte) e soluções de realidade virtual e aumentada para áreas como manutenção industrial, educação, entretenimento e venda de imóveis. “Estamos calculando os ganhos da 5G com base nessa demanda reprimida. Na verdade, todos os valores são conservadores porque nem imaginamos o que pode surgir quando a rede estiver disponível”, comenta Abreu.

Para Paulo César Teixeira, CEO da Claro, a 5G chega em um ótimo momento. As medidas de isolamento social, impostas pela pandemia do novo coronavírus, aceleraram a digitalização no país. Como efeito colateral, a demanda por conectividade cresceu na casa de 50%, exigindo maior capacidade de rede. De novidade, a 5G se tornou solução de consumo imediato. Além disso, a tecnologia dessas redes está madura. As operadoras vêm testando equipamentos, softwares, integrações e preparando a infraestrutura para suportar a incorporação das novas redes.

Segundo dados da Conexis Brasil Digital, entidade que reúne as empresas de telecomunicações e conectividade, juntas as operadoras aplicaram R\$ 95 bilhões entre 2018 e

2020 em redes. “A 5G não depende só da rede móvel. Requer investimento em infraestrutura terrestre, como fibra óptica e estruturas para processamento de dados”, diz Teixeira.

Outro ponto importante está no barateamento dos dispositivos para acessar os serviços. “Já há aparelhos disponíveis no mercado a preços inferiores a R\$ 2 mil”, diz Teixeira, lembrando que para ser efetiva e responder aos desafios do país, a 5G não pode ser um artigo de luxo. “Sem o terminal, a rede não já consumo de serviço”.

No próprio setor de telecomunicações, a chegada da 5G traz benefícios. Entre eles, o de acomodar novas formas de operação. Para atender a demanda móvel, a estratégia da Oi é oferecer infraestrutura de rede fixa - tirando o máximo proveito de sua extensa rede de fibra óptica. “Vamos atender outras operadoras e expandir a área de soluções corporativas”, diz Abreu. Para ele, não faz sentido entrar na disputa pelos serviços móveis da 5G - aqueles que vão chegar ao consumidor -, uma vez que a Oi vendeu a operação móvel a um consórcio formado pela Claro, TIM e Vivo. “O fato de o ambiente da 5G demandar colaboração e compartilhamento é positivo. Abrirá espaço para modelos de negócios e parcerias, fortalecendo o setor.”
